



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

KÁTIA LIDIANE DA COSTA OLIVEIRA

**COMUNIDADE RURAL BAIXA FECHADA I, APODI - RN: A HISTÓRIA
NARRADA POR SEUS MORADORES E EM RECURSOS IMAGÉTICOS**

MOSSORÓ – RN

2023

KÁTIA LIDIANE DA COSTA OLIVEIRA

**COMUNIDADE RURAL BAIXA FECHADA I, APODI - RN: A HISTÓRIA
NARRADA POR SEUS MORADORES E EM RECURSOS IMAGÉTICOS**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros.

MOSSORÓ - RN

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

0048c Oliveira, Katia Lidianne.
Comunidade Rural Baixa Fechada I, APODI-RN: A
historia narrada por seus moradores e em recursos
imagéticos / Katia Lidianne Oliveira. - 2023.
45 f. : il.

Orientador: Emerson Augusto Medeiros.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2023.

1. História local. 2. Povos do campo. 3.
Narrativas. 4. Experiências . I. Medeiros,
Emerson Augusto, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

KÁTIA LIDIANE DA COSTA OLIVEIRA

**COMUNIDADE RURAL BAIXA FECHADA I, APODI - RN: A HISTÓRIA
NARRADA POR SEUS MORADORES E EM RECURSOS IMAGÉTICOS**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 11 / 10 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros (UFERSA)
Presidente

Prof. Me. Antonio Anderson Brito do Nascimento (UFERSA)
Membro Examinador

Prof. Ma. Maria da Conceição Fernandes de França (UNP)
Membro Examinador

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus. Ao senhor, toda minha gratidão por me manter firme nos momentos de angústias, por abrir portas em meio às dificuldades e por me dar forças necessárias para seguir em frente.

Dedico também a minha família, por sempre acreditar em mim, por estar comigo em todos os momentos em que precisei. Em especial, minha mãe, Maria de Lourdes. Aquela que foi meu pilar de sustentação durante toda minha trajetória, que nunca mediu esforços na busca da realização deste meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por estar concluindo mais um ciclo em minha vida, por me manter firme durante todo este trajeto na busca pela realização deste meu grande sonho: cursar o Ensino Superior.

Sou grata à minha família por todo apoio de sempre. Minha mãe, Maria de Lourdes, muito obrigada por toda ajuda, por sempre acreditar no meu potencial, por sempre me dar forças para não desistir e hoje esta monografia é a prova que todo esforço e dedicação valeram a pena.

Agradeço as minhas irmãs, Leila Kaline e Vanessa Cristina, sou grata a vocês por toda ajuda e incentivo durante esta minha trajetória, se fizeram presentes em todos os momentos, me ajudando em tudo quando precisei.

Agradeço ao meu esposo, Janildo Moraes, pela compreensão durante todo este trajeto, pela paciência que sempre manteve e sua disposição.

Agradeço ao meu filho, Davi Lucas, por ter sido meu porto seguro e inspiração para não desistir deste meu sonho.

Agradeço a minha Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN, por toda receptividade e informações colhidas para a conclusão deste meu estudo.

Agradeço aos meus colegas de classe por toda troca de conhecimentos e amizades durante esses anos de convivência, pela troca de experiências as quais nos permitiram crescer profissionalmente.

Deixo aqui um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Emerson Medeiros, pela sua paciência, incentivo e dedicação que mesmo com tantas demandas sempre esteve disposto a me escutar. O senhor tornou-se essencial na conclusão deste meu sonho.

Também agradeço à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e a todos os seus docentes que sempre nos formaram. Obrigada pelo comprometimento com a qualidade do ensino que nos permitiu obter um melhor desempenho durante o nosso processo de formação. A todos os funcionários desta instituição que, de alguma forma, contribuíram para o nosso desenvolvimento ao longo desses anos.

Por fim, sou grata a todos que contribuíram para a realização deste meu grande sonho, pois estou vencendo mais uma etapa da minha vida a qual não foi nada fácil. Chegar à conclusão do curso LEDOC/UFERSA, para mim, está sendo uma grande vitória, pois só de lembrar quantos obstáculos enfrentei para chegar até aqui, as lágrimas escorrem dos olhos.

Hoje, vejo o quanto valeu a pena cada lágrima derramada, cada noite mal dormida e tudo que vivenciei ao longo desses anos.

Que fiquem aqui registrados meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para a realização deste meu grande sonho, foi graças ao incentivo que recebi durante esses anos que hoje posso celebrar mais este marco em minha vida.

A memória, portadora de uma estrutura possível de futuro, é sempre uma memória viva.

Joel Candau

RESUMO

Este estudo nasceu de vivências construídas no percurso formativo na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (LEDOC/UFERSA). A pesquisa tematiza a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, do Município de Apodi, Rio Grande do Norte, Brasil. Nesse lastro, a pesquisa tem como objetivo geral “refletir sobre a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN, a partir de narrativas orais de seus moradores, bem como por meio de recursos imagéticos”. Em relação aos objetivos específicos, apresentam-se: a) narrar a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN, com ênfase para os principais acontecimentos no referido espaço ao longo do tempo; b) inventariar a história da comunidade a partir das narrativas orais de moradores e de recursos imagéticos existentes no contexto local. A pesquisa fez uso da abordagem qualitativa, do método de pesquisa história oral, recorrendo como técnicas para a produção dos dados da entrevista semiestruturada e de recursos imagéticos (fotografias de objetos/espacos) presentes na própria comunidade. Participaram do estudo dois moradores (um do sexo masculino e um do sexo feminino) que residem no espaço há mais de 50 anos. O estudo se fundamenta em autores, como: Alberti (2004), Thompson (2008), Halbwachs (1990), Pollak (1992), Bondía (2002), entre outros. Como considerações, frisam-se que a comunidade, ao longo do tempo, passou por acontecimentos sucedidos não somente por questões de natureza social, vinculadas à dinâmica da sociedade como um todo. Na dimensão local, os moradores produziram diferentes dispositivos (associações, espaços de lazer, entre outros) e relações de convívio que marcaram suas histórias de vida e a história da comunidade.

Palavras-chave: História Local. Povos do Campo. Narrativas. Experiência.

ABSTRACT

This study was born from experiences built during the training course in the Interdisciplinary Degree in Rural Education at the Universidade Federal Rural do Semi-Árido (LEDOC/UFERSA). The research focuses on the history of the Baixa Fechada I Rural Community, in the Municipality of Apodi, Rio Grande do Norte, Brazil. In this context, the research has the general objective of “reflecting on the history of the Baixa Fechada I Rural Community, Apodi – RN, based on oral narratives from its residents, as well as through imagery resources”. In relation to the specific objectives, the following are presented: a) narrate the history of the Baixa Fechada I Rural Community, Apodi – RN, with emphasis on the main events in that space over time; b) inventory the history of the community based on the oral narratives of residents and imagery resources existing in the local context. The research used a qualitative approach, the oral history research method, using semi-structured interview data production techniques and imagery resources (photographs of objects/spaces) present in the community itself. Two residents (one male and one female) who have lived in the space for over 50 years participated in the study. The study is based on authors such as: Alberti (2004), Thompson (2008), Halbwachs (1990), Pollak (1992), Bondía (2002), among others. As considerations, it is emphasized that the community, over time, has gone through events not only due to issues of a social nature, linked to the dynamics of society as a whole. In the local dimension, residents produced different devices (associations, leisure spaces, among others) and social relationships that marked their history and the history of the community.

Keywords: Local History. Countryside People. Narratives. Experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Pilão para quebrar o milho.....	26
Figura 2	– Máquina de Costurar.....	26
Figura 3	– Chibanca.....	26
Figura 4	– Capinadeira para cortar a terra.....	26
Figura 5	– Sanfona (instrumento musical para os festejos juninos).....	27
Figura 6	– Plantadeira utilizada para a plantação de grãos.....	28
Figura 7	– Bom de água.....	28
Figura 8	– Cata-vento.....	28
Figura 9	– Moinho para o uso na cozinha.....	28
Figura 10	– Casa de Farinha.....	30
Figura 11	– Produção da Farinha.....	30
Figura 12	– Escola da Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN.....	34
Figura 13	– Capela da Comunidade.....	35
Figura 14	– Caixa D’água da Comunidade.....	36
Figura 15	– Sede do Centro Comunitário.....	37
Figura 16	– Sede do Grupo de Mulheres Artesãs.....	38
Figura 17	– Fachada da Casa do Mel.....	39
Figura 18	– Quadra de Esporte da Comunidade.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
LEDOC	Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo
RN	Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A HISTÓRIA E A PESQUISADORA - NARRATIVAS DE MIM E ENTRELAÇAMENTOS TEÓRICOS	15
2.1	Como tudo começou - narrativa pessoal e acadêmica.....	15
2.2	História oral - teoria e prática.....	19
2.3	O fazer pesquisa em Ciências Humanas – a história no/do estudo.....	20
3	COMUNIDADE RURAL BAIXA FECHADA I, APODI – RN: A HISTÓRIA CONTADA NA PERSPECTIVA DOS MORADORES E POR MEIO DE RECURSOS IMAGÉTICOS.....	23
3.1	Entendendo o passado a partir de quem o viveu.....	23
3.2	O hoje – a comunidade no tempo presente.....	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Um dos aspectos que a formação de professores na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (LEDOC/UFERSA) permite é o contato com a realidade de cada estudante que do curso faz parte ao longo de sua trajetória de formação na universidade. Esse contato se propaga no tempo comunidade e, principalmente, em atividades orientadas em muitas disciplinas ao longo da graduação. Essas atividades se remetem a conhecer a sociedade/comunidade rural em que o aluno vive ou a educação/escola, bem como outros espaços de educação não formal.

Durante meu processo formativo desenvolvi um conjunto de ações, como aulas de campo, visitas, observações, pesquisas de campo, entre outros, e os próprios estágios supervisionados que despertaram o interesse em conhecer questões de minha realidade, como estudante, profissional da educação e pesquisadora em formação.

Este estudo nasceu de vivências construídas em disciplinas da área de história no percurso formativo na LEDOC/UFERSA. Ele tematiza a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, do Município de Apodi, Rio Grande do Norte (RN), Brasil. A referida comunidade surgiu no ano de 1850. Em virtude de desconhecer pesquisas que registrassem sua história e seu desenvolvimento local ao longo do tempo, me vi, como moradora do referido espaço, desafiada a construir o presente estudo monográfico.

Nesse lastro, a pesquisa tem como objetivo geral “refletir sobre a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN, a partir de narrativas orais de seus moradores, bem como por meio de recursos imagéticos”. Em relação aos objetivos específicos, se apresentam: a) narrar a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, com ênfase para os principais acontecimentos no referido espaço ao longo do tempo; b) inventariar a história da comunidade a partir das narrativas orais de moradores e de recursos imagéticos existentes no contexto local.

A pesquisa fez uso da abordagem qualitativa (CHIZZOTTI, 2006; MEDEIROS; VARELA; NUNES, 2017), bem como do método de pesquisa história oral (ALBERTI, 2004; THOMPSON, 2008), recorrendo como técnicas para a produção dos dados da entrevista semiestruturada (GIL, 2008) e de recursos imagéticos (TAMANINI, 2019) (fotografias de objetos/espacos) presentes na própria comunidade. O estudo foi realizado entre os anos de 2020 e 2022, considerando o período da pandemia causada pela Covid-19 que afetou toda a humanidade.

Participaram, diretamente, da pesquisa dois moradores (um do sexo masculino e um do sexo feminino) que residem no espaço há mais de 50 anos, são eles: Raimunda Oliveira (91 anos) e Zé Valdivino¹ (94 anos). Além deles, seguindo o que diz Alberti (2004) sobre o trabalho com a história oral, recorri, de forma sensível, aos depoimentos de outros moradores que habitam o local, de maneira informal, por meio de conversas contínuas na comunidade².

No percurso de construção da pesquisa, visitei algumas residências e ouvi atentamente as histórias dos moradores sobre a comunidade. Dessas visitas, apreendi seus saberes, seus fazeres diários como moradores de muito tempo no referido espaço. Em muitas conversas, nos deleitamos no café, construindo um teor intersubjetivo tão necessário ao pesquisador que faz uso da história oral (THOMPSON, 2008). Assim, a pesquisa foi ganhando circunferência na intenção de reconstruir memórias (individuais e coletivas) e a história por quem, de fato, as viveu.

Além desta breve introdução, organizei o restante do texto em mais duas seções e as considerações finais. Na primeira seção (seção dois), narro, resumidamente, recortes de minha história de vida associada à comunidade, objeto da presente pesquisa. Além desse aspecto, apresento um diálogo de natureza teórica e metodológica breve para situar o leitor acerca da dimensão epistemológica e procedimental do estudo.

Na seção seguinte, organizada por meio de duas subseções, apresento a história da comunidade, validando as narrativas dos moradores. Adotei a perspectiva de não apresentar cada registro, visando não sobrepor as narrativas à própria história. Assim, a história será narrada, reconstruída e contada por mim, a partir dos registros dos moradores e do conjunto de recursos imagéticos produzidos ao longo da pesquisa. Entendo que a história não se faz apenas do passado (HALBWACHS, 1990; THOMPSON, 2008), ela é também o tempo presente. Assim, há uma subseção que desenhou para registrar aspectos sociais e culturais da comunidade neste tempo (século XXI).

Nas considerações finais, apresento, sinteticamente, as principais reflexões produzidas com o estudo. É um texto compacto, mas focado em um registro cuidadoso da história de um povo situado no campo.

Por fim, desejo que a presente pesquisa contribua para elevar os estudos que versam sobre a história de comunidades campesinas. Entendo, com base em Pollak (1992), que nem tudo se sabe da história. Aliás, há uma história não oficial que a sociedade eurocêntrica e

¹ Tivemos a autorização dos moradores e de seus familiares para citá-los/as neste texto. Inclusive, atendendo ao pedido deles, preferimos fazer uso do nome social de ambos.

² Em momentos do texto, farei uso da primeira pessoa do singular, em razão de se tratar de um aspecto ou acontecimento que se reporta a mim como pesquisadora e moradora da comunidade estudada.

patriarcal quer apagar, deixá-la na submergem do tempo. Esse estudo a resgata, se preocupa em somar com um registro sobre os que viveram e fizeram história – as pessoas comuns. Assim, desejamos uma boa leitura. Que novos conhecimentos se produzam, que novas pesquisas sejam aguçadas a partir da história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN.

2 A HISTÓRIA E A PESQUISADORA - NARRATIVAS DE MIM E ENTRELAÇAMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção, situo o pesquisador acerca de minha história de vida associada à comunidade em estudo. Esse aspecto contribui para que cada leitor entenda sobre as mobilizações que me conduziram à presente pesquisa monográfica. Além disso, dialogo teoricamente sobre conceitos centrais ao estudo e também a respeito da dimensão metodológica da investigação.

2.1 Como tudo começou - narrativa pessoal e acadêmica

Início esta seção contando um pouco sobre a trajetória de minha vida, narrarei também a partir dela um pouco sobre as mudanças e transformações ocorridas no modo de vida em nossa comunidade rural (Comunidade Baixa Fechada I, Apodi – RN). Comparada aos dias atuais, tudo era diferente, as brincadeiras de criança já não são as mesmas. Antigamente ao entardecer todas as crianças da comunidade juntavam-se para brincar de esconde-esconde, barata-trepa, entre outras brincadeiras conhecidas naquela época. Quando meus primos e eu nos juntávamos era só diversão, a noite se tornava curta demais para tantas brincadeiras e animação. Vivíamos momentos simples, sem tanta modernidade, pois as condições dos nossos pais não eram favoráveis, mas só o amor que eles nos davam e a força de vontade para não deixar faltar o pão de cada dia nos fortaleciam e nos permitiam construir valores sobre as coisas simples.

Vivíamos praticamente da agricultura, não tínhamos muitos recursos para sobreviver, mas meus pais sempre davam um jeito de não deixar faltar nada em casa. Vivemos por muitos anos sem água encanada, tínhamos que lavar roupa no rio ou puxando água de uma bomba ou poço que ficava na propriedade de um vizinho. Alguns anos depois as condições financeiras melhoraram um pouco, pois minha mãe começou a dar aulas na comunidade, eu tive o privilégio de ter ela como minha primeira professora. Concluí a Educação Infantil na escola da minha comunidade.

Quando iniciei meus estudos, na cidade, passamos por alguns “aperreios” e dificuldades, pois não havia transporte escolar. O único transporte que tínhamos era uma bicicleta, onde íamos do sítio para a cidade estudar. Enfrentamos sol e chuva e os perigos dos caminhos, mas nunca desistimos de estudar. Com o passar dos anos, nossos pais se organizaram na busca por um transporte escolar, foram vários dias indo à prefeitura da nossa

cidade e, enfim, conseguiram. Assim, passamos a ir para o colégio com mais conforto e rapidez. Concluí o Ensino Médio, mas continuei meus estudos em casa com o objetivo de um dia ingressar em uma faculdade.

Passei a me dedicar ainda mais a minha comunidade, me tornei presidenta de um grupo de jovens formado por vinte e cinco jovens da comunidade com o intuito de manter e fortificar a religiosidade na comunidade. A partir disso, contribuí com a tradição da festa da padroeira, com as realizações de festinhas em datas comemorativas como o dia das mães, o dia das crianças, entre outras datas.

Sou muito grata a Deus por me conceder esforço e dedicação para que juntos possamos levar um pouco de alegria à nossa comunidade. Ao longo dos anos como ainda não tinha conseguido entrar em uma faculdade, comecei a trabalhar como “doméstica” em uma casa na cidade de Apodi. Ganhava pouco, mas o suficiente para ajudar na renda da família. Minha família sempre foi batalhadora, tivemos uma vida de sufoco, mas nosso pai nunca deixou faltar o essencial que era o pão de cada dia. Batalhávamos dia a dia na busca por dias melhores sempre com dedicação e esforço.

Trazer essas memórias, me faz pensar o quanto de superação tivemos ao longo do tempo. Aprendemos e crescemos em coletivo, a partir da experiência que fomos construindo. Nesses termos, minha memória, apesar de individual, também é coletiva, pertence a todos os que vivem na comunidade. Ela diz do crescimento e vivência de todos. Sobre isso, Halbwachs (1990, p. 26), complementa:

[...] nossas lembranças [memórias] permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens [pessoas] estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Depois de um longo tempo de estudos mesmo em casa, consegui ingressar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *campus* de Apodi – RN. Passei no processo seletivo do curso técnico em Zootecnia. Foram dois anos de muito aprendizado e dedicação total aos estudos, pude adquirir muito conhecimento através dos ótimos professores que a instituição oferece. Saí daquela instituição depois de ser formada e trouxe comigo uma matriz de conhecimentos que só contribuiu para que hoje eu estivesse fazendo parte da UFERSA, foi aí que outro ciclo se iniciou em minha vida.

Tudo começou em 2013, quando estava fazendo o curso de operadora de caixa na cidade de Apodi, quando uma de minhas amigas conhecida como Débora sonaly (*in memória*)

me incentivou para que fizéssemos a prova do curso Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC).

No dia da prova, chegamos à UFERSA confiantes no resultado que estaria por vir. Sempre tive muita vontade de estudar na referida instituição, pois sempre ouvi falar muito bem da mesma, dos professores e de toda a equipe em geral. Enfim, obtive bons resultados na prova e consegui entrar no segundo semestre de 2014 para a Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

No dia da matrícula, fomos eu e minha amiga, estávamos meio que perdidas em algo novo, muitas salas, não sabíamos para que lado ir. Estávamos prestes a ingressar em um novo mundo, com pessoas diferentes e muito aprendizado. Consequimos realizar nossa matrícula através do professor Emerson Medeiros pelo qual tenho uma enorme gratidão. Ele era o coordenador do curso nesse período.

Quando as aulas iniciaram, o medo continuava em mim, pois era tudo muito novo, pessoas desconhecidas que iriam fazer parte do meu dia a dia. Com o passar do tempo, fui me adaptando e criando novos amigos, novas amizades que iriam durar anos ou quem sabe para sempre. Lembro muito bem dos meus primeiros professores lá nos primeiros semestres, professores esses que me proporcionaram muitos aprendizados. Consequimos obter muito conhecimento graças a cada um dos professores que passaram em nossa sala. Apesar dos obstáculos enfrentados durante o percurso até a UFERSA, sempre me mantive de cabeça erguida, enfrentei chuva, caminhos perigosos e escuros, mas com a certeza que um dia seria recompensada.

No ano de 2015 veio a pior notícia da minha vida: a morte do meu pai. Para mim foi um choque muito grande, pensei em desistir, mas com o incentivo de alguns amigos e professores, consegui continuar. Durante todo meu trajeto até a faculdade, passei tantos perrengues. Como morava no sítio, saía de quatro horas da madrugada para a cidade de Apodi, para pegar o ônibus que fazia o transporte dos alunos e sempre com aquela fé e esperança de que no final viria a recompensa.

Durante o percurso de casa a Apodi, também enfrentamos dificuldades em relação ao transporte escolar. A super lotação e o alto custo que pagávamos com o ônibus fizeram com que muitos alunos desistissem dos seus sonhos. Mesmo com tantas dificuldades e sempre com o apoio da minha família, eu continuei meus estudos.

No decorrer do percurso de minha vida acadêmica, engravidei e mesmo com o apoio que tive de muita gente, alguns me criticaram, falavam que eu não teria mais tempo para nada. Meu filho nasceu e com a ajuda da minha família estou conseguindo concluir a faculdade.

Sempre soube conciliar os momentos, nunca deixei de dar amor ao meu filho por causa de estudos e nunca deixei de estudar por causa dele.

O tempo foi passando e logo veio a aula da saudade, um momento único e que nos proporcionou alegria e muita descontração ao lado de pessoas maravilhosas. Planejamos tudo muito bem, tanto a aula da saudade como o tão sonhado baile de formatura. Enfim, o mês de setembro chegou e com ele a emoção pela espera do tão sonhado dia. No dia 23 de setembro de 2020 tivemos a realização do nosso baile, na cidade de Mossoró. Embora com todas as dificuldades, minha mãe me proporcionou viver este momento, sou imensamente grata a ela, pois sei que ela sempre fez de tudo para que hoje eu estivesse me formando. Destaco que mesmo a minha turma concluindo um pouco antes, acabei atrasando o curso em virtude de inúmeros acontecimentos pessoais e familiares. Essas experiências, me remetem ao que diz Bondía (2002, p. 21),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. Desta maneira, a experiência está diretamente relacionada com o homem [ser humano], aliás, só se realiza pelo homem. cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [nos toca].

Em meio a tantos momentos marcantes, logo em seguida veio um dos períodos mais tristes para a humanidade: a pandemia causada pela covid-19. Foi um momento onde tudo parou. A UFERSA decidiu fechar as portas diante do momento mais crítico vivido durante a pandemia. Tivemos que nos isolar até mesmo dos nossos familiares, passamos a viver de uma maneira diferente, sem o aperto de mão de um parente ou até mesmo o abraço de um filho. Em meio a tantas restrições e medos, a instituição decidiu manter as aulas de forma remota. O distanciamento não nos permitiu que perdêssemos o ano, as aulas on-line embora um pouco diferentes, serviram para que hoje pudéssemos estar concluindo o curso.

O medo de ser infectada pelo vírus me deixava apavorada, as notícias repassadas pelos jornais contribuíam para o meu desânimo total. Mesmo com todos os cuidados, eu e minha família fomos infectadas pelo vírus. Estávamos apavoradas pois tínhamos medo pela idade da nossa mãe, mas graças a Deus todos tivemos sintomas leves. Somos gratas a Deus por nos ter concedido a cura da covid-19 em meio a tantas perdas. Atualmente, voltamos à normalidade social. Graças a Deus e a ciência que criou a vacina, proporcionando a nós a esperança por dias melhores. Sonhamos tanto com essa vacina, somos gratos por ter tido a oportunidade de tomar todas as doses, enquanto lamentamos as milhares de vidas ceifadas, que não tiveram essa oportunidade.

Eu concluí as aulas de estágio supervisionado de forma remota e tive que esperar para continuar a presente pesquisa, a qual finalizamos neste momento. Diante de todos os fatos apresentados e vividos no decorrer de minha trajetória, percebo toda evolução não só da minha vida pessoal, mas também de toda minha comunidade (Comunidade Rural Baixa Fechada I).

Lembranças boas ou até não tão boas que ficarão em nossas memórias e que servirão como lição de vida para nossos filhos. A comunidade hoje agradece a cada morador que contribuiu para que essas mudanças ocorressem. Hoje sou grata a Deus por fazer parte desta comunidade e por estar encerrando esse novo ciclo em minha vida. Estar encerrando esse ciclo acadêmico me fez perceber o quanto evolui, o quanto valeu a pena cada obstáculo vencido. Narrar minha vida, me permite pensar sobre os acontecimentos que me foram marcantes (FERRAROTTI, 1988; JOSSO, 2010; MEDEIROS; AGUIAR, 2018).

A LEDOC/UFERSA para mim se tornou um curso pelo qual me apaixonei. Foram tantos momentos de ensinamentos, viagens, descontração, um aprendizado a mais em minha vida, professores essenciais que fizeram valer cada disciplina cursada.

2.2 História oral - teoria e prática

Durante muito tempo, nos livros de história e nos diferentes documentos que se reportaram a registrar fatos, acontecimentos e a própria dinâmica social, muita coisa não foi registrada. Aliás, conforme Pollak (1992), há mais silêncios sobre a história do que o registro dela em si mesma.

Entendo que há outras histórias, as quais a sociedade desconhece. Trata-se de uma história não oficial (POLLAK, 1992), que pouco conhecemos e que está aí merecendo nossa atenção e nosso registro. De acordo com Candau (2019), cabe a história oral cuidar do desafio de registrar o que a história oficial, comumente presente no discurso social, não atentou. Nesses termos, Portelli (2016, p. 10), alude:

A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. [...] A história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta, uma arte de registrar.

Segundo Thompson (2008), é a história oral quem tem cumprido o valioso espaço de registrar acontecimentos ditos banais, bem como de registrar questões locais que, para muitos, não há sentido ou valor.

Neste estudo, me reportei a história local, mais precisamente a história da minha comunidade nominada de Comunidade Rural de Baixa Fechada I, Apodi – RN, a qual teve origem em 1850, de acordo com seus moradores.

Com a história oral, tive a oportunidade de contar uma história na perspectiva de seus moradores. Não há, até onde tenho conhecimento, estudos que se preocuparam com a história deste espaço. Assim, como pesquisadora em formação no campo das ciências humanas, demarco a necessidade.

Para a produção dos dados, a história oral se sustenta, segundo Alberti (2004), Thompson (2008) e Portelli (2016) em diferentes recursos, como as narrativas orais, os depoimentos, a análise documental, os recursos imagéticos, para citar alguns.

Nas palavras de Thompson (2008, p. 137),

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda também a caminhar para um futuro próximo construído por elas, pertencendo a elas mesmas. [...] A história oral preocupa-se em criar diversas possibilidades para aqueles que são excluídos da história oficial.

Não tenho dúvidas que a história oral permitiu, por meio deste estudo, que a história da comunidade em que vivo se tornasse pública, fizesse parte da academia. Entendo que este feito contribui para que a memória, algumas práticas culturais e diferentes valores permaneçam vivos. Assim, compreendo que esta pesquisa também se reporta como um meio de guardar elementos de um povo. Para sempre, teremos um documento que se preocupou em registrar nossa história, quem somos.

2.3 O fazer pesquisa em Ciências Humanas – a história no/do estudo

Freitas (2006) diz que toda pesquisa, nas ciências humanas, tem uma história. Ela é composta por uma história constituída por um conjunto de procedimentos. Esta pesquisa está associada à minha vida, porém, se fez como o rigor necessário ao fazer pesquisa em ciências humanas. Na sequência, descrevo sobre os elementos metodológicos que compõem o presente estudo monográfico.

Como primeiro elemento, friso que este estudo fez uso da abordagem qualitativa. Essa abordagem se preocupa com o conjunto de fatos sociais, com os sentidos e significados que as

pessoas atribuem a determinados fenômenos sociais (CHIZZOTTI, 2006; MINAYO, 2007). Acrescenta, Minayo (2007, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais [e humanas], com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim, a abordagem qualitativa nos permitiu adentrar, em uma perspectiva de interpretação, no contexto local da comunidade, na vida das pessoas que dela são partícipes. Nossa intenção foi dialogar com os moradores e a partir de suas narrativas orais e dos recursos imagéticos existentes, reconstruir sua história.

Em relação ao método de pesquisa utilizado, conforme destaquei em outro momento do texto, fiz uso da história oral. Apoiada em Thompson (2008), Alberti (2004), Candau (2019), principalmente, construímos a investigação. Vale esclarecer que a história oral, neste estudo, se materializou nos diferentes momentos em que realizei a pesquisa, não exclusivamente no instante de produção das entrevistas com os dois moradores que foram centrais ao estudo.

Para Thompson (2008), a partir do momento em que iniciamos o trabalho de inventário sobre a história ou recortes dela, especialmente no caso em que há a intenção de trazer para a pesquisa a história não contada pela história oficial, nos detemos a história oral, aspecto característico neste estudo.

Como técnicas para a produção dos dados, utilizei de entrevistas semiestruturadas e de recursos imagéticos. Além do mais, toda a pesquisa se fez considerando uma escuta atenta aos moradores do espaço, por meio de conversas frequentes informais. Sobre a entrevista semiestruturada, Gil (2008) aclara que se refere a uma técnica de produzir dados diretamente no ambiente social em que se realiza o estudo. Ela, apesar de se fazer por meio de um roteiro³ com questões pré-definidas, se produz como um diálogo, tal como realizamos na pesquisa, por meio do qual os participantes e o pesquisador interagem na intenção de compreender um fenômeno social.

³ Esclareço que organizei um pequeno roteiro com temas para dialogar com os moradores, dentre eles, abordei: a história da comunidade, os acontecimentos marcantes, as características sociais e culturais da comunidade e as mudanças ao longo do tempo.

Cada entrevista realizada foi registrada em um caderno utilizado com fins à pesquisa (não gravamos os momentos porque não dispomos de gravador), com bastante cuidado, visando não deixar nada passar – o que entendo não ter acontecido.

No que toca aos recursos imagéticos, Tamanini (2019) os compreende como um conjunto de dispositivos (objetos, paisagens, fotografias, entre outros) que permitem captar a realidade ou representá-la. Nesta pesquisa, cada objeto, espaço da comunidade, entre outros, somou no sentido de complementar nossa compreensão sobre sua história. Esses recursos estão presentes nas 18 figuras que serão ilustradas a partir da seção seguinte.

Apesar de já ter registrado anteriormente, pontuo que a pesquisa teve como participantes dois moradores (um do sexo masculino e um do sexo feminino), os quais vivem na comunidade há mais de 50 anos. Eles possuem idade superior a 70 anos.

Ressalto que a pesquisa foi realizada entre os anos de 2020 e 2022. Esse intervalo se fez em virtude da pandemia causada pela covid-19. Assim, válido esse recorte de tempo, no qual tivemos que seguir e, em momentos, tivemos que parar em consequência do cenário social posto.

Na seção seguinte, apresento a história da comunidade Baixa Fechada I, Apodi – RN, a partir das narrativas orais dos moradores e também dos recursos imagéticos. Não destacarei as narrativas produzidas, mas as textualizarei a partir de meu olhar e de uma história escrita por mim, como mediadora da história dos moradores que, assim como eu (moradora do espaço), a viveram.

3 COMUNIDADE RURAL BAIXA FECHADA I, APODI – RN: A HISTÓRIA CONTADA NA PERSPECTIVA DOS MORADORES E POR MEIO DE RECURSOS IMAGÉTICOS

A presente seção registra a história da comunidade a partir de diferentes narrativas construídas com seus moradores. A história será contada pela pesquisadora, com base no conjunto de depoimentos produzidos ao longo da pesquisa, além de recursos imagéticos construídos para ilustrar a história.

3.1 Entendendo o passado a partir de quem o viveu

Segundo depoimentos de alguns moradores mais antigos, a referida comunidade ganhou o título de “baixa fechada” porque existia uma baixa, em termos geográficos, naquela comunidade onde alagava no período de inverno. Essa baixa correspondia a uma grande parte da comunidade. Outro motivo pelo qual a comunidade ganhou esse nome foi pelo fato de haver muitas árvores nessa baixa, daí se deu o nome “baixa fechada”. A quantidade de árvores existentes nesse local servia de esconderijo para os primeiros moradores que ficavam amedrontados ao ouvir boatos de que lampião e seu cangaceiros passariam pelas redondezas. Os moradores passavam dias e noites escondidos nas matas, até saberem que não havia mais perigo, que lampião e seu bando já tinha ido embora. Em uma das casas da comunidade foi construído um sótão que também servia de esconderijo para os moradores, essa casa pertencia ao senhor Cirilo Gama.

De acordo com os relatos dos moradores, o primeiro habitante da referida comunidade era conhecido como “flor lapada”, sua casa era debaixo de um juazeiro, era lá que enfrentava todas as dificuldades do dia a dia. O senhor “flor lapada” era avô de um dos habitantes ainda existente na comunidade: o senhor Zé Valdivino (participante do estudo), filho do senhor Valdivino Gomes, conhecido por “Papai Vito”.

A segunda família a chegar na comunidade foi a do senhor Pedro Raimundo, logo em seguida vieram outras famílias como a de Joaquim Eufrásio e Raimundo Casado. Assim, a comunidade ganhou mais e mais moradores. Naquela época para garantir a sobrevivência, os moradores trabalhavam na agricultura plantando, colhendo, limpando os roçados e muitas vezes arrancando tocos imensos que levavam dias e noites para serem removidos. Como sabemos, a partir dos registros na área de história oral (PORTELLI, 2016), naquela época não

havia modernidade tudo era mais difícil, os cortes de terras eram feitos com capinadeiras puxadas por um jumento ou boi, todo trabalho era feito manualmente/de forma braçal.

Segundo os relatos do senhor Zé Valdivino, pertencente à família Valdivino, composta por treze filhos, sendo eles: João, Joana, Batista, Sabá, Manoel, Chico, Antônio, Raimundo, Isabel, Naninha, Toinha, José e Maria, sendo que onze desses já partiram desta vida deixando apenas saudades. Hoje, dos filhos do senhor Valdivino que ainda estão entre nós é o senhor Zé Valdivino, com 92 anos de idade, e Maria de João de Manequim, com 94 anos de idade.

Houve tempos difíceis para a família Valdivino, nos relatou Zé Valdivino, pois naquela época não havia energia elétrica, sendo que cada morador utilizava uma lamparina feita por um recipiente metálico, composta por querosene e um pavio de algodão. A comida era toda feita em fogão à lenha, muitas vezes nem comida se tinha para fazer, todos se viravam como podiam. A primeira casa da comunidade a ser construída foi feita de palha de carnaubeira e a porta foi feita do talo da carnaubeira. Com o tempo, vieram surgindo as casas de taipas onde as paredes eram construídas com barro e o talo da carnaubeira. Dessa forma, o telhado passou a ser constituído por telha.

A senhora Raimunda Oliveira, que hoje ainda reside na comunidade, relatou que muitas vezes ia para a escola sem merendar por causa das dificuldades daquela época, ou se quisessem comer alguma coisa iam para debaixo das árvores colher frutos para comer, entre essas frutas estavam a fruta da macambira, quixaba e trapiá. Muitas vezes, quando não encontravam essas frutas para comer satisfaziam sua fome com farinha e açúcar. Dentre as dificuldades existentes naquela época estava a falta de água, que segundo a senhora Raimunda Oliveira, os moradores daquela comunidade iam para o rio e cavavam um buraco fundo até chegar na água, daí retiravam a água para o consumo e todas as outras necessidades. Sempre quando chovia esse buraco ficava cheio de areia das encostas e a água suja. Então, os moradores tinham que cavar tudo novamente, sendo que outro buraco e em outro local.

Em meio às dificuldades do dia a dia, a rotina das mulheres se resumia em realizar os afazeres de casa, algumas vezes ajudavam o marido na roça e tiravam alguns dias da semana para lavar roupas no rio, por consequência da falta de água daquela época. De acordo com a moradora Raimunda Oliveira, o procedimento de lavagem de roupa era realizado por meio de um buraco que era cavado na areia dos rios e lagos, em seguida colocavam a roupa dentro desse buraco e por cima da roupa colocavam cinza e melão caetano que é uma planta encontrada na região. Esse procedimento durava de um dia para o outro, segundo ela as roupas ficavam limpas e cheirosas.

Com relação aos estudos naquela época, as dificuldades eram muitas, pois de acordo com o senhor Zé Valdivino e a senhora Raimunda Oliveira, a escola era localizada em outra comunidade, possuía uma única sala composta por 60 alunos e o material de cada um era feito à mão pela mãe de cada um deles. O material utilizado eram algumas folhas de papéis que as mães improvisavam e elaboravam um caderno, já a caneta era composta por uma pena que ao ser introduzida em um tinteiro servia para escrever. A merenda escolar não existia, se quisesse merendar ia para debaixo das carnaubeiras comer as frutas da carnaúba. Mesmo a escola sendo em outra comunidade, não havia transporte para o deslocamento. Todos iam a pé enfrentando sol e chuva.

O senhor Zé Valdivino relata que, para manter sua sobrevivência, ia a pé até a comunidade de melancias que fica um pouco distante, para trabalhar em uma plantação de tomate e algodão, sendo que o pouco dinheiro que ganhava dava apenas para as necessidades de casa. Quando não havia mais trabalho na comunidade de melancias, seu Zé Valdivino procurava outros caminhos, não importava a distância, estava sempre disposto a enfrentar as dificuldades.

Quando os moradores precisavam ir à cidade, saíam a pé de madrugada, resolviam suas coisas e voltavam ao entardecer. Naquela época não havia transporte, conforme já falei anteriormente, televisão não existia, as notícias eram transmitidas através de rádios, cartas e telegramas. As novelas eram transmitidas através dos rádios, onde apenas ouvia-se as vozes dos autores, mas para quem teve o privilégio de ter um rádio em casa naquela época era uma alegria enorme, segundo o senhor Zé Valdivino. A partir da pesquisa realizada com os moradores da comunidade, conseguimos o registro imagético de alguns artefatos (objetos) que participaram e foram ferramentas importantes no convívio social da comunidade. Vejamos:

Figura 1 – Pilão para quebrar o milho	Figura 2 – Máquina de Costurar
	
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020	Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020
Figura 3 – Chibanca	Figura 4 – Capinadeira para cortar a terra
	
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.	Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.

A comunidade também tinha seus momentos de diversão, sendo que muito diferente dos momentos de hoje em dia, havia algumas casas na comunidade onde os moradores se reuniam para dançar, esses encontros eram chamados de valsa ou tertúlias. A comunidade passava a noite dançando ao som de triângulo, pandeiro, sanfona e zabumba tocados por

alguns moradores da mesma comunidade, quando não tinha esses encontros surgiam algumas apresentações de um grupo de pessoas vindo de outras comunidades. Esse grupo era chamado de papangus. Esse grupo de pessoas vinha fantasiado, com apresentações de danças, teatros e sempre aos sábados e domingos.

No mês de junho, época do São João, as famílias costumavam fazer fogueiras em frente à casa, como forma de festejar os três santos homenageados do referido mês (São João Batista, Santo Antônio e São Pedro). Algumas famílias realizavam brincadeiras como “pau de sebo” e “gato no pote”. Era durante a noite que os moradores da comunidade tiravam para se divertir, mesmo cansados das lutas do dia a dia. Na sequência, ilustramos um instrumento musical muito utilizado na época.

Figura 5 – Sanfona (instrumento musical para os festejos juninos)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.

No dia seguinte, acordavam cedo e iam para o roçado trabalhar para garantir a sobrevivência. Em meio à falta de equipamentos mais sofisticados, o trabalho no roçado exigia um pouco mais de mão de obra, pois naquela época não havia modernidade. Dentre os equipamentos utilizados no roçado estava a plantadeira que servia para plantar milho ou feijão, conforme nos relataram os moradores. Nesse equipamento, era colocado o grão dentro

dele e conduzido pelo morador respeitando os espaçamentos necessários, de acordo com o que iria plantar.

Durante muito tempo na comunidade tornou-se essencial a utilização de um moinho e um pilão (o pilão se encontra ilustrado na Figura 1), ambos com finalidades de deixar o grão em farelos. O moinho serviu e ainda é muito utilizado para moer milho, para fazer pamonha e corante da fruta do urucum. Já o pilão que havia somente um naquela comunidade, mas que servia para todos que necessitassem, principalmente os plantadores de arroz que depois de colher o mesmo e deixar secar, era necessário pilar todo o arroz para retirar a casca e daí ser comercializado ou para o consumo.

Novamente, registramos por meio de recursos imagéticos os objetos/instrumentos que fizeram (e de certa forma ainda fazem) parte do meio social da Comunidade Baixa Fechada I, Apodi – RN.

Figura 6 – Plantadeira utilizada para a plantação de grãos	Figura 7 – Bom de água
	
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.	Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.
Figura 8 – Cata-vento	Figura 9 – Moinho para o uso na cozinha

	
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.	Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.

Em meio à falta de água na década de 1950 (ano de 1952), o senhor Zeca Tatu (um antigo morador) teve a iniciativa de construir um cata-vento em benefício à toda comunidade. Com esse cata-vento (e as forças do vento), seria retirada a água de um poço para o consumo da comunidade. Alguns anos depois surgiram as bombas que também serviam para puxar água de dentro de um pequeno poço artesiano. A primeira bomba existente foi na propriedade do senhor Cirilo Gama.

Os moradores se dirigiam até o espaço em que ficava a bomba para buscar água em roladeiras ou baldes para o consumo. Todas as manhãs, os moradores se reuniam na casa de farinha, onde a maioria era de mulheres, para raspar mandioca que seria utilizada para fazer a farinha. Depois de ter feito todos os procedimentos, as mulheres ganhavam uns “trocados” (pequeno valor financeiro), pois o trabalho pesado de colocar a mandioca na prensa e depois levá-la ao fogo ficava para os homens. Essa casa de farinha serviu por muito tempo à comunidade, ela foi construída na propriedade do “Senhor Sabá”. Os recursos imagéticos em sequência ilustram nossa narrativa.

Figura 10 – Casa de Farinha	Figura 11 – Produção da Farinha
	
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.	Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.

Registramos que a casa de farinha também servia como um espaço de sociabilidade dos sujeitos da Comunidade Baixa Fechada I, Apodi - RN (MARTINS, 2010). Nesse contexto, as mulheres narravam seu dia a dia, falavam de suas inquietações, de suas angústias, de suas vitórias, narrou dona Raimunda. Contavam suas vidas, socializavam suas trajetórias. Todos que participavam desses momentos aprendiam e fortaleciam seus laços afetivos, de amizade e de companheirismo. Na casa de farinha até as crianças mais pequenas se educavam, haja vista que muitas mulheres tinham que conduzir seus filhos aos espaços, haja vista que não existia a condição de deixá-los sozinhos em casa.

Nesta fase da história, percebemos o quanto a simplicidade no meio rural se fez como impulsionador de alegrias e da própria construção da cultura local, nos termos de Geertz (1989). A simplicidade encantava a todos. Apesar das dificuldades, a parceria, o trabalho colaborativo e coletivo, a força construída com os obstáculos no cotidiano permitiam os sujeitos desenvolverem suas práticas e táticas de convivência (CERTEAU, 2003). Aos poucos, todos se fortaleciam.

Figura 11 – O trabalho diário na casa de farinha

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2020.

Com o passar dos anos e para a melhoria do aprendizado da comunidade, a senhora Maria Alice teve a iniciativa de formar uma turma de alunos, mesmo sem a colaboração do governo, e “dar” aulas em sua residência. Anos depois, a família de Maria Alice teve a iniciativa de construir um “quartinho” separado da casa para servir como sala de aula e trouxeram uma professora da cidade de Apodi para lecionar. A professora se chamava Dona Maria. Naquela época não existiam recursos/investimento por parte do governo. O único material disponível era uma folha e uma pena que servia como caneta. Dona Maria era uma professora muito rigorosa, sempre aplicava castigos aos alunos quando necessário. O castigo daquela época era palmatoria ou ficar de joelho em cima dos grãos de milho, caso o aluno não se comportasse ou fizesse a atividade educativa. Todas as regras aplicadas por Dona Maria serviam, pois os anos se passaram e muitos alunos adquiriram conhecimentos necessários e passaram a dar aulas em suas casas.

Finalizo este tópico, destacando que mesmo a Educação precária existia o esforço dos moradores da comunidade para que tudo caminhasse. O desenvolvimento social da Comunidade Baixa Fechada I, Apodi – RN, é fruto de muita dedicação e empenho de seus habitantes. No próximo tópico trataremos outra parte da história. Falaremos de seu presente, novamente, a partir dos moradores da comunidade.

3.2 O hoje – a comunidade no tempo presente

De acordo com os depoimentos dos moradores da comunidade, no decorrer dos anos a comunidade vem se desenvolvendo e ganhando novas conquistas. Com o empenho por parte de alguns moradores que se disponibilizaram a batalhar e lutar por esses benefícios a comunidade vem crescendo. Comparando-a a respeito de como ela era antigamente, onde existia apenas uma “baixa” no terreno que sempre acumulava água quando chovia, atualmente ela é composta por uma vila de casas, com construções de alguns projetos que beneficiam a referida comunidade e sítios vizinhos. Segundo o relato do senhor Zé Valdivino, no passado a comunidade vivia amedrontada por causa de Lampião e seu bando, hoje a comunidade vive mais tranquila mesmo com as outras condições que emergiram em termos de violência nas comunidades rurais no país nas últimas décadas (FERNANDES, 1999).

A comunidade só veio a crescer nesses últimos anos. Comparando a situação da mesma, atualmente, com antigamente, de acordo com o depoimento do Senhor Zé Valdivino, vemos que os moradores passavam por acentuadas dificuldades socioeconômicas. Com relação às casas, a única que foi construída com tijolos naquela época foi a do Senhor Valdivino Gomes de Oliveira que era conhecido como o “chefe” da família Valdivino.

Atualmente, registro, outra vez, que a comunidade é formada por uma vila de casas e outras um pouco afastadas, mas todas bem estruturadas e dignas de uma boa moradia. As condições financeiras da comunidade passaram a melhorar, pois surgiram mais empregos e muitos continuaram vivendo da agricultura, só que plantando para si mesmos e comercializando seus produtos para a cidade. As condições financeiras, com relação à agricultura, melhoraram bastante, como nos contou o Senhor Zé Valdivino.

Antigamente, não existiam máquinas modernas, quase tudo era feito manualmente, desde o plantar ao colher. Hoje, com o desenvolvimento da comunidade e de novas tecnologias, houve um avanço enorme na agricultura, trazendo uma melhoria para a comunidade. O Senhor Zé Valdivino nos contou que naquela época passaram por muitas dificuldades, principalmente as famílias numerosas. Elas tiveram que batalhar muito para garantir o pão de cada dia. Atualmente, a família do Senhor Zé Valdivino está um pouco menor, muitos já faleceram, deixando apenas saudades e lembranças de uma linda história vivida em outrora. Com o decorrer dos anos, segundo as narrativas dos moradores, percebemos o quanto a comunidade melhorou, sendo que antigamente as casas eram quase todas de taipa. Hoje, na comunidade não existe mais essas casas, sendo que cada morador possui sua casa própria de tijolos e digna de conforto.

Com relação às oportunidades de estudos se comparadas a antigamente, como nos contou o Senhor Zé Valdivino, o colégio era uma casa de uma moradora da comunidade, não havia merenda e muitas vezes eles não tinham oportunidade de estudar, pois tinham que trabalhar para melhorar as condições em casa. Hoje, percebemos o quanto melhorou desde o transporte escolar, a estrutura física da escola, a formação dos professores, o material pedagógico oferecido aos alunos e a merenda escolar que antigamente era inexistente. Conforme Saviani (2009), é inegável o avanço da escolarização no Brasil, apesar de ainda termos muito a fazer, especialmente no que toca a assegurar esse direito social a todos (BRASIL, 1988; BRASIL, 1996), porém, não temos como deixar de mencionar, neste texto, o avanço na educação local dos moradores.

Com o passar dos anos a comunidade veio ganhando novas conquistas na educação escolar. O colégio da comunidade foi uma delas. Fundada em 1970, a Escola Municipal Valdivino Gomes de Oliveira, cujo prefeito de Apodi – RN, Valdemiro Pedro Viana, teve a iniciativa de construir na comunidade. A escola da Comunidade Rural de Baixa Fechada I serviu por muitos anos para o aprendizado de todos os moradores. Hoje, vemos filhos de agricultores formados que tiveram os primeiros anos de estudos no referido colégio. Atualmente, a escola não funciona por causa da quantidade de alunos, uma vez que muitas mães resolveram mudar seus filhos do colégio, visando uma melhor assistência e qualidade no ensino-aprendizagem.

Na figura seguinte, se encontra o prédio da antiga escola da comunidade, a qual funcionou e somou à formação de muitos moradores do local.

Figura 12 – Escola da Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

De acordo com o depoimento da senhora Raimunda, a comunidade evoluiu bastante. Hoje, os moradores possuem água encanada em casa, antes precisavam buscar nos poços ou ir lavar as roupas no rio. As mulheres dependiam muito de seus maridos, não havia oportunidades de trabalhos para as mulheres naquela época, senão ajudar seu marido na lavoura desde o plantar ao colher, pois tudo era feito manualmente. Hoje, tudo está diferente, pois já existem máquinas que auxiliam todo o processo de plantar até colher. As mulheres conquistaram seu espaço e ganharam muitas oportunidades podendo trabalhar sem depender de seus maridos.

Com base nas narrativas construídas, a comunidade também mudou bastante em termos de cultura, situada neste texto como um conjunto de práticas sociais, de valores, de costumes, entre outros (LAPLANTINE, 2003; LARAIA, 2009), pois o que antigamente havia de diversão e lazer eram somente as valsas realizadas nas casas de alguns moradores. Na atualidade, a comunidade conta com festas dançantes em clubes apropriados, festa da padroeira realizada todos os anos no mês de julho, na capela de Nossa Senhora do Carmo construída na comunidade.

A comunidade ganhou mais visibilidade, em termos de religião, com a chegada de padre Theodoro, que desenvolveu um bom trabalho nas comunidades rurais. Nos últimos anos, foi criado na comunidade o grupo de jovens que atua junto à igreja católica. No ano de 1998 foi escolhida a padroeira da comunidade em uma reunião com a presença de algumas pessoas da

comunidade, decidindo então que a padroeira da comunidade seria nossa Senhora do Carmo, onde naquele mesmo ano foi celebrada a primeira manifestação de fé com a padroeira no dia 16 de julho.

Naquela mesma ocasião, ano de 1998, ocorreu a inauguração do centro comunitário que por muitos anos serviu para a realização das festas da padroeira antes da construção da capela. No ano 2006, foi doado um terreno para a construção da capela, existiram alguns obstáculos como: derrubar uma oiticica (árvore abundante da região do Vale do Apodi) que era histórica e a ausência de recursos financeiros, os quais não eram suficientes para construção da capela. No entanto, a comunidade fez um mutirão para a sua construção.

No ano de 2007, a capela foi inaugurada, recebeu as Santas Missões Populares no mesmo ano e foi abençoada pelo bispo diocesano Dom Mariano Manzana. A capela tem a tradição de todos os anos celebrar a festa de sua padroeira no dia 16 julho e se prepara para celebrar seus 26 anos de celebrações e demonstração de fé. Vale destacar que a religião católica é muito presente no espaço. Na figura 13, apresento a capela da Comunidade Rural de Baixa Fechada I, Apodi – RN.

Figura 13 – Capela da Comunidade



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Com relação aos projetos sociais conquistados pela comunidade, citamos a caixa d'água como um importante recurso hídrico aos moradores. Ela foi construída por meio de um projeto conquistado por meio da articulação de uma instituição da igreja. Por intermédio da associação da referida comunidade e com a ajuda do padre Theodoro (pároco da igreja matriz de Apodi) foi possível que os moradores da Comunidade Rural de Baixa Fechada I, Apodi – RN, tivessem a condição de terem água encanada em casa a partir do ano de 1990. O recurso imagético 14, mostra o referido reservatório.

Figura 14 – Caixa D'água da Comunidade



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Segundo a moradora Raimunda Oliveira, a comunidade viveu noites difíceis, pois não havia energia elétrica. Eram usadas lamparinas e também lampiões para clarear as noites escuras. Foi a partir de um projeto social de autoria do deputado federal Frederico Rosado, no ano de 1980, que a comunidade conseguiu a tão sonhada energia elétrica, melhorando a qualidade de vida dos moradores, narrou a Senhora Raimunda. Com o passar dos anos, a

comunidade foi evoluindo e gerando renda para os agricultores, pois depois de vários projetos sociais aprovados com a ajuda da associação, a comunidade veio a crescer. Somente por volta da década de 1980, os agricultores, pais de família, vieram trabalhar para si próprios com direito a sementes e cortes de terra oferecidos pela prefeitura da cidade de Apodi – RN.

Outro acontecimento se refere ao fato de em 1998 foi fundada a associação de Baixa Fechada I, iniciando-se com 22 sócios, entre homens e mulheres. Eles foram os fundadores com o incentivo de padre Theodoro. Os sócios da referida associação não tinham onde se reunir fazendo suas reuniões debaixo de uma árvore por nome de cajueiro na qual eram discutidos os problemas da comunidade e a busca por soluções. Com o passar do tempo, foi construído um centro comunitário que servia para reuniões. Atualmente, os sócios se reúnem mensalmente, na busca por novos projetos sociais para a comunidade.

Figura 15 – Sede do Centro Comunitário



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Com o decorrer dos anos, a comunidade vem se desenvolvendo e ganhando novos projetos sociais, a casa das palhas foi um deles. Esse foi um projeto social fundado no ano de 2000 para melhorar a qualidade do trabalho das mulheres artesãs. Um grupo de 14 mulheres reunia-se para confeccionar suas peças feitas com o talo e a palha da carnaubeira para depois serem comercializadas. Atualmente, esse grupo de mulheres artesãs ainda existe na

comunidade, mas com um número pequeno de artesãs, pois muitas desistiram pelo fato de o artesanato não ser muito valorizado na região. Ilustramos a sede do espaço na figura 16.

Figura 16 – Sede do Grupo de Mulheres Artesãs



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Dentre esses projetos sociais conquistados na Comunidade Rural de Baixa Fechada I, Apodi – RN, a casa do mel foi outro que continua beneficiando alguns moradores. Fundada em 2001, a casa do mel é composta por equipamentos suficientes e modernos para melhorar o trabalho dos apicultores da comunidade, serviu e ainda serve para alguns pais de família que ingressaram no ramo da apicultura.

Vale pontuar que o Município de Apodi – RN é destaque no contexto estadual no trabalho com a apicultura. Além disso, tem como característica o número de moradores no perímetro rural. Desde sua criação, destaca-se porque seu comércio tem forte influência das práticas laborais desenvolvidas por homens e mulheres no campo, por meio de diferentes culturas de subsistência. No próximo recurso imagético, apresentamos a fachada da casa do mel da comunidade.

Figura 17 – Fachada da Casa do Mel

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Outro acontecimento que vale destacarmos corresponde ao aspecto de, no ano de 2002, conseguiu-se outro projeto social, o qual consistia na construção de uma quadra de esporte que beneficiasse os jovens da comunidade. O intuito desse projeto era trazer diversão e lazer aos jovens da comunidade. A quadra de esporte era um projeto social antigo esperado pelos moradores, que só foi conquistado no ano de 2002, mas que contribuiu por muito tempo para os jovens da comunidade e sítios vizinhos. Atualmente, a quadra se encontra um pouco desgastada e por esse motivo já não é mais utilizada pela comunidade.

Vale salientar a necessidade de o poder público zelar pela qualidade do referido espaço, uma vez que ele contribui para que os moradores, diariamente, possam desenvolver algum esporte no referido local. Entendemos que esse aspecto soma para a qualidade de vida da juventude que habita a Comunidade Rural de Baixa Fechada I, Apodi – RN, bem como de sítios vizinhos, pois permite que além do esporte praticado, laços de fraternidade sejam construídos cotidianamente. Outra vez, recorreremos a um recurso imagético para representar nossa narrativa exposta neste texto.

Figura 18 – Quadra de Esporte da Comunidade

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

A Comunidade Rural de Baixa Fechada I, Apodi – RN, atualmente conta com 70 famílias que se distribuem em 305 pessoas que residem no local. Foi nessa comunidade que esses moradores ralaram para ter tudo o que hoje conseguiram, desde o plantar ao colher. A vida diária no campo os mostrou as dores e os sabores de viver com a terra. A atividade de arrancar tocos era compensada com a fartura no período chuvoso, bem como no momento de festejos juninos e em celebrações locais.

O que nunca lhes faltou foi a fé por dias melhores e coragem para enfrentar os obstáculos que surgiram. Hoje, vemos o quanto a comunidade evoluiu tanto na agricultura, na educação e na cultura. No decorrer dos anos, tudo foi melhorando graças a Deus e ao esforço de alguns moradores que fizeram frente para conseguir todos os projetos sociais que hoje a comunidade possui. Projetos esses que só vieram para beneficiar a todos os moradores, fazendo com que aquele povo aguerrido tivesse dias melhores, sem tanto sofrimento nas lutas diárias para conseguir o pão de cada dia.

A família Valdivino, referência na Comunidade Rural de Baixa Fechada I, Apodi – RN, foi de suma importância no desenvolvimento do local. Além dela, a comunidade contou e ainda conta com grandes nomes que são exemplos a serem seguidos, exemplos de luta e

superação de um povo sofredor que fez sua história valer a pena. Homens e mulheres do campo!

Concluimos este texto com a satisfação de registrar a história dos moradores da comunidade em um Trabalho de Conclusão de Curso, uma história construída e aqui registrada por quem a viveu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme relatei em momentos deste texto, o presente estudo nasceu de vivências construídas no percurso formativo na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (LEDOC/UFERSA). A pesquisa tematizou a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, do Município de Apodi – RN. Nesse lastro, a pesquisa teve como objetivo geral “refletir sobre a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN, a partir de narrativas orais de seus moradores, bem como por meio de recursos imagéticos”.

No que toca aos objetivos específicos, destacaram-se “narrar a história da Comunidade Rural Baixa Fechada I, Apodi – RN, com ênfase para os principais acontecimentos no referido espaço ao longo do tempo” e “inventariar a história da comunidade a partir das narrativas orais de moradores e de recursos imagéticos existentes no contexto local”. A pesquisa fez uso da abordagem qualitativa, do método de pesquisa história oral, recorrendo como técnicas para a produção dos dados da entrevista semiestruturada e de recursos imagéticos (fotografias de objetos/espacos) presentes na própria comunidade.

Participaram do estudo dois moradores (um do sexo masculino e um do sexo feminino) que residem no espaço há mais de 50 anos. Além disso, me ancoréi no depoimento de vários moradores que habitam o espaço na intenção de compreender, por meio de suas vidas e narrativas o espaço pesquisado.

Como considerações, friso que a comunidade, ao longo do tempo, passou por acontecimentos sucedidos não somente por questões de natureza social, vinculadas à dinâmica da sociedade como um todo. Não posso negar que a dinâmica social instituída ao longo da história influenciou a realidade local. Por exemplo, acontecimentos nos governos do Estado e na República Federativa do Brasil, a ditadura civil militar, entre outros. Todos os acontecimentos a nível nacional, regional, estadual e municipal repercutem no modo de vida das pessoas e em suas práticas sociais.

No entanto, na dimensão local, os moradores produziram diferentes dispositivos (associações, espaços de lazer, entre outros) e relações de convívio que marcaram suas histórias de vida e a história da comunidade. Em virtude do que realizaram localmente é que temos a realidade na comunidade no tempo presente.

A influência de determinadas famílias, conforme registrei, as práticas de trabalho no espaço, as relações de convívio social, por exemplo entre os moradores, a igreja, o centro comunitário, bem como a educação e a saúde são referências que determinaram no

desenvolvimento local. Tudo isso, reforça nossa existencialidade, nosso modo de ser, nossa cultura no campo e na comunidade Baixa Fechada I, Apodi – RN.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. FGV Editora, 2004.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [s.l.], n 19, jan. 2002.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9.394, 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Constituição Federal**. República Federativa do Brasil, 1988.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.
- CERTEAU, M. A **Invenção do cotidiano**: artes de fazer. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- FERNANDES, B. M. O campo no Brasil. In: ARROYO, M.; FERNANDES, B. M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. (Coleção Por uma Educação do Campo), V. 02. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.
- FREITAS, M. E. de. Viver a Tese é preciso. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2. ed. São Paulo – SP: Cortez, 2006, p. 215 – 226.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 1990.
- JOSSO, C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez. 2010.
- LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MARTINS, J. M. **A Sociabilidade do homem simples** – cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MEDEIROS, E. A.; VARELA, S. B. L.; NUNES, J. B. C. Abordagem qualitativa: estudo na Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (2004 - 2014). **Holos**, p.174-189, abr. 2017.

MEDEIROS, E. A. DE; AGUIAR, A. L. O. O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 27, p. 149-166, 21 set. 2018.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 26. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, 1992.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santhi- ago]. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SAVIANI, D. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, p. 143-155, 2009.

TAMANINI, P. A. O Nordeste, as imagens e o ensino: o real e o imaginário na iconografia da seca. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 20, n. 43, p. 317–337, 2019.

THOMPSON, P. A **Voz do Passado: história oral**. 11. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2008.